

## A CASA DA RIBEIRA

A história desta casa começou há muito, muito tempo.

Nessa época, os frades de um convento vizinho, teriam feito aqui hortas e pomares, aproveitando da melhor forma a abundância de água de uma ribeira e a boa qualidade das terras.

Existia mesmo uma nora ( de que ainda resta boa parte da construção), movida à força de burros! Não, não é da espécie que agora prolifera e em que estão já todos a pensar. Trata-se de burros mesmo, ou de jumentos. E isto aconteceu até há relativamente pouco tempo.

Depois veio a extinção das ordens religiosas, e depois a república, e por aí fora... até que chegamos à nossa época (digamos assim) e aos actuais proprietários, particulares.

A este propósito, são muito curiosas as décimas que um dos frades do mencionado convento escreveu, nos tempos da retirada.

“ A Deos Casa mil vezes bem dita,  
Para os louvores de Deos destinada  
Agora ficas porfanada,  
Gemendo triste e afflita;  
Os Ceos e a terra tudo grita,  
Lamentando o vosso mal;  
Desgraçado Portugal!  
Que tanto falavas de França,  
De lá te veio a herança,  
Agora estaes outro que tal.

O’ Paulo Ermita Santo!  
Os vossos filhos muito amados  
D’aqui os mandão desterrados,  
Não sei quem tem poder tanto:  
As nossas lágrimas imaginai  
Lembrai-vos que sois o pai  
D’estes filhos desgraçados,  
Pondo em nós vossos cuidados  
A vossa benção nos deitai;  
.....

A Deos pai de penitencia,  
Exemplo de santidade,  
Só uma grande impiedade  
Veio fazer nossa ausencia:  
Mas soffrer com paciencia  
He a nossa obrigação;  
Ahi fica Santo Antão.  
Nosso fiel companheiro,  
Pois morrer n’este Mosteiro  
Sempre foi nossa tenção.  
.....

A Deos convento, e a Deos Serra  
D’aqui nos mandão sahir;  
Mas é preciso advertir  
Que quem manda também erra;  
He mais vil que o pó da terra  
Quem afflige a humanidade,  
He custoso na verdade  
Soffrer tanta tirania;  
Quem faz uma tal avaria  
Deos tenha delle piedade.  
----

Os altos Juizos de Deos  
Não se podem comprehender,  
Nem tão pouco conhecer  
Quaes são os destinos seus,  
Aonde iremos Irmãos meus,  
Se o mundo já não é nosso?

A Deus campos, e a Deus flores  
A Deus feras, e passarinhos;  
Mesmo ahi nos vossos ninhos  
Cantai a Deus louvores;  
Só vós sois merecedores  
De gozardes a solidão;

O meu dote e mais o vosso,  
Que nos derão nossos pais,  
Agora são bem nacionaes,  
Entender isto não posso

---

Ahi fica o gato, e o cão  
Um a ladrar, e outro a miar,  
Por seus donos a chamar,  
Sem terem quem lhes dê pão. “

---

A casa existente era uma construção rural muito modesta, característica da região.

A ampliação foi feita em duas fases:

Numa 1ª. fase, o José Cornélio da Silva, meu companheiro de aventuras arquitectónicas há já quase 15 Anos, fez um pequeno “scherzo” (como ele gosta de dizer), uma ampliação ainda de certa forma contida, de inspiração italianizante, ou paladiana, se quisermos ser mais específicos, de que é bom sinal a grande janela do 1º. andar voltada à ribeira.

Numa 2ª. fase, cerca de 10 anos depois, ampliou-se então a casa “à séria”. Até porque os netos já não cabiam todos.

Nesta ampliação maior, e a partir de uma ideia inicial do José Cornélio da Silva que depois ajudei a desenvolver em matéria de distribuição e compatibilização e, mais tarde, com a partida deste meu “sócio” para Roma, acabei por pormenorizar, acompanhando também a respectiva obra, nesta ampliação, dizia, a inspiração foi já a dos modelos tardo góticos e renascentistas do Alentejo – as “Sempre Noivas”, - e outros, mais consentâneos com a volumetria proposta, que ultrapassava claramente os modelos rurais, vernaculares.

O desenho arquitectónico é assumidamente tradicional, como o são a maior parte dos materiais de acabamento e revestimento, (xistos, mármore, cal, etc...) e alguns sistemas estruturais (abóbadas e coberturas, p. ex.), integrando-se mesmo materiais antigos, renovados, como a telha, p. ex..

Este novo edifício, adossado ao inicial, fecha um pátio voltado à ribeira, criando assim um espaço mais acolhedor, privado, voltando ao caminho de acesso um arco que anuncia a entrada, ladeado por dois “torreões” que marcam fortemente esta fachada.

O conjunto agora completo desenvolve-se em dois pisos, com proporções nobres e de desenho inspirado nos modelos locais já referidos.

A dificuldade maior foi “vencer” a topografia existente sem feridas demasiado profundas na paisagem. De facto, a casa encosta a uma colina de declive bastante acentuado, o que originou um piso (o R/C) parcialmente enterrado, no qual procuramos colocar aquelas funções menos exigentes em matéria de luz solar – garagem, equipamentos, arrumos e outras. Mas, como “a dificuldade aguça o engenho”, este aspecto permitiu-nos aproveitar parte desta colina, ao nível do 1º. andar, para aí arranjarmos um espaço de fruição, exterior, muito agradável e acolhedor.

No final, e depois de uma obra um pouco penosa, acontece esta coisa curiosa: As pessoas que visitam a casa pensam que este corpo maior e mais recente é o antigo,

e que o inicial é o acrescento. Para nós, ainda bem que assim é, pois era esse mesmo o nosso objectivo.

De resto, também os frades, se voltassem, aqui poderiam viver mais alguns dias felizes, de tranquilidade, que este cantinho junto à ribeira, no sopé de uma serra ainda bela, nos proporciona, como antídoto à correria dos dias.

José Baganha